



UFAM
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE NATUREZA E CULTURA
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

**SOCIABILIDADE E RELAÇÕES ECONÔMICAS NA FEIRA LIVRE EM
BENJAMIN CONSTANT-AM**

BENJAMIN CONSTANT - AM
2020

ADRIELLE NASCIMENTO DE MELO

**SOCIABILIDADE E RELAÇÕES ECONÔMICAS NA FEIRA LIVRE EM
BENJAMIN CONSTANTAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Amazonas como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Antropologia

Orientador: Prof. Dr. José Maria Trajano
Vieira

BENJAMIN CONSTANT - AM
2020

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M528s Melo, Adrielle Nascimento de
Sociabilidade e relações econômicas na feira livre em Benjamin
Constant- AM / Adrielle Nascimento de Melo. 2020
47 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: José Maria Trajano Vieira
TCC de Graduação (Antropologia) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Sociabilidade. 2. Feira. 3. Reciprocidade. 4. Trabalho. I.
Vieira, José Maria Trajano. II. Universidade Federal do Amazonas
III. Título



Benjamin Constant, AM, 07 de Dezembro de 2020

ATA DE SUSTENTAÇÃO PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) DO CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

Aos 07 dias do mês de Dezembro de dois mil e vinte, às 17:00 h via plataforma google meet iniciou-se a sustentação pública do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**SOCIABILIDADE E RELAÇÕES ECONÔMICAS NA FEIRA LIVRE EM BENJAMIN CONSTANT-AM**”, defendido pela discente **ADRIELLE NASCIMENTO DE MELO** que teve como orientador o **Prof. Dr. José Maria Trajano Vieira**. Além do orientador estava presente à Banca Avaliadora a **Profª. Drª. Jarliane da Silva Ferreira (Membro)** e o **Prof.º MSc. Ismael da Silva Negreiros (Membro)**. Após a arguição da discente e as observações dos membros da banca, ficou definido que a monografia desenvolvida pela aluna em questão foi considerada aprovada. Com conceito final: **8,5 (oito e meio)**

Observações: (X) deve o discente realizar as correções indicadas pela banca para posterior entrega da versão final do seu TCC junto à Coordenação do Curso de Antropologia.

Assinaturas da Banca Avaliadora:

Profº Drº José Maria Trajano Vieira (orientador)

Profª Drª Jarliane da Silva Ferreira (Membro)

MSc. Ismael da Silva Negreiros (Membro)

ADRIELLE NASCIMENTO DE MELO (Orientanda)

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus, razão única das minhas conquistas. Aos meus filhos Antônio Gabriel e Giulia. A minha mãe, Glacirene Maciel, que para sempre será meu exemplo de mulher e mãe, meu padrasto Marcos Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente venho agradecer a Deus, que me permitiu realizar este trabalho, sempre me dando forças para vencer cada obstáculo e seguir em frente de cabeça erguida.

Não poderia esquecer também dos meus interlocutores que me ajudaram e colaboraram na minha pesquisa, agradeço a todos de coração pelo esforço e dedicação que foram de extrema importância para a construção e a realização do meu trabalho de campo.

A minha família pela compreensão e amor, principalmente à minha mãe Glacirene Maciel pelo incentivo, a minha irmã Lany Melo, sobrinha Gabrielly Nunes e aos meus filhos: Gabriel e Giulia, razões do meu viver.

A minha companheira de luta, amiga Josinéia Lima pela cumplicidade, paciência e pelas horas inacabáveis que passamos juntas.

Ao meu orientador Jose Maria Trajano Vieira, por acreditar e embarcar comigo nessa jornada, pelos sábios conselhos, gentileza e paciência, pois sem ele não conseguiria realizar e concluir o trabalho.

Aos amigos e colegas do curso Alcidilene Canuto, Sara Oliveira, Micioneiro Melo, Ezequiel Pereira, Francisco Carvalho, Silvana Souza, Felipe Sávio, Clismênia Ferreira, Bruna Muller, Manoel Castilho, Adnilson Córdova, que sempre me animaram com palavras de conforto e incentivo. E claro, aos feirantes e fregueses que gastaram um pouco do seu tempo para contribuir com a pesquisa.

“Sonhos determinam o que você quer. Ação determina o que você conquista”. (Aldo Novak)

RESUMO

O presente trabalho traz um estudo etnográfico sobre os feirantes, na feira livre Raimundo Freitas da Silva. O objetivo desse trabalho de conclusão de curso é o de descrever e analisar as formas de sociabilidade e também o sistema de trocas entre produtores, feirantes e consumidores. Foi feita uma relação entre a cidade e a feira, levando em consideração a fragmentação e um possível individualismo presente no espaço urbano. Partindo do método de pesquisa etnográfica clássico em antropologia, descrevo o espaço onde ocorrem estas relações, as formas de comunicação, os códigos de interação, as possíveis relações de parentesco, assim como as relações de reciprocidades que ocorrem neste ambiente.

Palavras-chave: Sociabilidade, Feira, Reciprocidade, Trabalho

RESUMEN

El presente trabajo trae un estudio etnográfico sobre los comercializadores, en la feria gratuita Raimundo Freitas da Silva. El objetivo del trabajo de conclusión de este curso es interpretar las formas de sociabilidad y también el sistema de intercambio entre productores, vendedores y consumidores. Se hizo una relación entre la ciudad y la feria, teniendo en cuenta la fragmentación y un posible individualismo presente en el espacio urbano. Partiendo del método de investigación etnográfica clásica en antropología, describo el espacio donde ocurren estas relaciones, las formas de comunicación, los códigos de interacción, las posibles relaciones, así como las relaciones recíprocas que se dan en este entorno.

Palabras- clave : Sociabilidad, Feria, Reciprocidad, Trabajo

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Feira Livre do Projeto III Ciclo	17
FIGURA 2 - Feira Livre na Pandemia.....	17
FIGURA 3 - os feirantes na venda de verduras.....	34
FIGURA 4 - os feirantes sem máscaras.....	27
QUADRO 1. Quadro de variedades da feira.....	17

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AM – Amazonas

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

SEPROR – Secretaria de Produção e Abastecimento

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
PROBLEMA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	14
CAPÍTULO I: A FEIRA COMO UM ESPAÇO ECONÔMICO E DE SOCIABILIDADE.....	16
1.1. A FEIRA LIVRE DA CIDADE.....	16
1.2. TABELA DE FRUTAS, VERDURAS E OUTROS PRODUTOS DA FEIRA.....	17
1.3. ESTRUTURA FÍSICA DA FEIRA LIVRE.....	19
1.4. LUGAR DE TROCAR NA FEIRA LIVRE, DÁDIVA E RECIPROCIDADE.....	28
CAPÍTULO II: MODOS DE VER E DE FAZER: SAÚDE, DOENÇA E CUIDADO DOS FEIRANTES.....	32
2.1. O DISTANCIAMENTO SOCIAL NA FEIRA.....	33
2.2. AS RELAÇÕES HUMANAS COM OS CACHORROS NA FEIRA LIVRE.....	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES.....	43
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	43
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	44
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	45
APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	46
APÊNDICE E – ESTRUTURA DA FEIRA.....	47

INTRODUÇÃO

O surgimento ou origem das feiras são incertos. Alguns historiadores relatam a presença deste evento cultural desde 50 - a.C, em algumas civilizações como a grega, romana e Árabe. À partir daí as feiras foram se desenvolvendo e se modernizando até os dias atuais, sendo considerada, atualmente um lugar de grande interação entre pessoas.

O desenvolvimento das atividades das feiras começou no renascimento comercial e urbano no século XI na Europa. As feiras, criadas pelos mercadores, destacaram-se como importante entrepostos comerciais e como centro do desenvolvimento Agrícola.

O desenvolvimento das atividades comerciais nas feiras foi fundamental para a introdução da moeda como base de troca de mercadorias. No interior do Amazonas, assim como na cidade de Benjamin Constant, “antigamente” as trocas de produtos eram bastante intensas entre os produtores rurais e também na feira.

A escolha do tema da pesquisa deu-se por meio do meu estágio supervisionado, o primeiro contato com o tema foi desde o início do terceiro período do curso de Antropologia. Quando entrei na faculdade a minha inquietação já era a de fazer um trabalho antropológico sobre os feirantes.

As feiras são consideradas lugares de grande interação comunicativa entre pessoas e também se observa nelas uma grande diversidade de raça, gênero, nacionalidade e etnia. Na Feira do Produtor do Município de Benjamin Constant o espaço é dividido entre Brasileiros, Peruanos, Colombianos e Indígenas. Essa presença estrangeira na feira da cidade, ocorre pelo fato deste município estar localizado em uma região de tríplice fronteira entre Brasil-Peru Colômbia.

Nas observações foram levadas em consideração as idades e gêneros dos entrevistados, visando melhor caracterizar os feirantes, entretanto, é possível observar um impasse entre os trabalhadores no local, pois alguns são classificados como “atravessadores”, que são aqueles que compram os produtos dos agricultores para revender e os “produtores” que são aqueles que comercializam seu próprio produto oriundo de suas plantações.

As feiras apresentam um fenômeno sociocultural e econômico proveniente das aglomerações de pessoas: consumidores e comerciantes, entre meio as barracas onde são

comercializados uma diversidade de produtos entre eles produtos agrícolas, alimentícios até roupas e artesanatos, isso tem um lado positivo pois torna os produtos menos onerosos.

Antigamente os comércios eram estabelecidos através dos processos de regatões, práticas de feira, trocas simbólicas. O regatão era um comerciante ambulante que viaja entre centros regionais e comunidades rio acima comercializando mercadorias para pequenos produtores caboclos, produtores regionais agrícolas e extrativista (Goulart, 1968).

Os regatões têm uma importância para a sociedade principalmente na economia, forma a base do sistema de aviação. Através desses processos tinham suas trocas simbólicas as redes comerciais que na época eram barcos que eram abastecidos de mercadorias que eram levados para as comunidades ribeirinhas com suas atividades econômicas.

Problema e procedimentos metodológicos

Os frequentadores do mercado, assim como de outras formas de comércio, se inserem em seu contexto, e nele interagem, a partir do conhecimento de suas regras e dos arranjos socioculturais neles presentes, para dessa forma estabelecerem seus círculos de contatos, suas vantagens comerciais assim como a conquista de seu reconhecimento social na feira.

As feiras não podem ser analisadas apenas, a luz de teorias cujos olhares se comprometem unicamente com o aprofundamento de estatísticas e dados econômicos (produção de renda, fluxos de mercadorias, etc.) de uma perspectiva capitalista. Esse trabalho sobre feirantes, traz outras possibilidades de análise e compreensão de tais espaços, enquanto espaços públicos e lugares de trocas, nos quais diferentes racionalidades econômicas operam.

Em relação aos feirantes, também entendeu-se que a pesquisa se fazia fundamental em se tratando do tema sobre sociabilidade e relações sociais, pois embora todos exerçam a mesma atividade, que é a venda de produtos na feira, estes possuem, de acordo com as informações adquiridas no inventário, muitas características divergentes, tais como etnia, nacionalidade, religião, idade, tipo de produto comercializado, escolaridade, entre outros, fatores estes que influenciam sua percepção em relação a atividade que exercem.

Visando as diferenças entre os feirantes, ficou claro que seria necessária tanto uma pesquisa quantitativa, para se adquirir dados mais estatísticos, como uma pesquisa qualitativa,

para se obter uma perspectiva mais detalhada do ponto de vista dos feirantes quanto da própria feira.

Para esta pesquisa utilizamos caderno de campo e celular para o registro de fotografias e gravações de áudio. O método escolhido foi o da pesquisa participante.

A pesquisa iniciou em 2018 a 2020. Inicialmente, como parte do Estágio Supervisionado, foi elaborado um mapa da feira para fazer um mapeamento do local. Nesta etapa, também foi selecionado os interlocutores da pesquisa, os quais foram agrupados por categorias assim distribuídos: um dos mais antigos feirantes, um peruano, um da comunidade e o fiscal. Retornei a campo em agosto de 2020 pra analisar esse processo sobre como se estabeleceu os comércios de mercadoria dentro da feira com a pandemia.

CAPÍTULO I

A FEIRA COMO UM ESPAÇO ECONÔMICO E DE SOCIABILIDADE

Neste capítulo, descreveremos e analisaremos a feira como um espaço não só de desenvolvimento de atividades econômicas, mas também de sociabilidade, que envolve comerciantes de origens culturais diversas (regionais não-indígenas, indígenas de diversas etnias sobretudo ticunas, peruanos, entre outros) de produtos, oriundos do meio rural e fregueses, estes também culturalmente diversificados, além das relações com os animais, particularmente cachorros que circulam pelo espaço da feira.

1.1 A FEIRA LIVRE DA CIDADE

A Feira livre Raimundo Freitas da Silva, se localiza próxima ao porto principal da cidade de Benjamin Constant - AM, acessada principalmente pela Avenida Castelo Branco (acesso dos clientes e dos produtores da estrada (BR 307) e ramais do INCRA) e pelos rios Solimões e Javari (utilizados principalmente pelos produtores que residem em comunidades ribeirinhas e indígenas, bem como por peruanos que abastecem a feira com uma grande diversidade de produtos).

Até o ano de 2001 a feira livre era agregada do mercado e não tinha um espaço definido. A partir da sua inauguração os produtores direcionaram seus produtos para este local, facilitando a comercialização e a comodidade dos clientes, tendo então um espaço mais “organizado” e amplo, onde podem expor seus produtos. Na feira, construída pelo Projeto do 3º Ciclo Amazonino Mendes, trabalham cerca de 70 famílias.

Figura 1- Feira Livre do Projeto III Ciclo

Fonte: Melo, Adrielle (2019)

Figura 2- Feira Livre na Pandemia

Fonte: Melo, Adrielle (2020)

A figura 1, representa a feira livre, localizada no lado esquerdo da feira do produtor, onde os feirantes vendem ao ar livre, sem barracas colocam os produtos em bacias ou forram o chão com saco de fibra nos quais expõem aos clientes suas frutas, verduras etc.

Fazendo a comparação com a figura 2, por conta da reforma e ampliação da feira do produtor, para poder agregar esses feirantes, a feira livre mudou-se para a rua 12 de outubro. Com a pandemia do coronavírus foi feita essa separação dos feirantes, para evitar muita aglomeração de pessoas em um só lugar.

1.2 TABELA DE FRUTAS, VERDURAS E OUTROS PRODUTOS DA FEIRA

Quadro 1. Quadro de variedades da feira

FRUTAS	VERDURAS	OUTROS	OUTROS
Banana	Pimentão	Goma	Macaxeira
Maracujá	Pimenta cheirosa	Farinha	Pupunha
Melão	Alface	Carvão	Feijão da Região
Limão	Couve	Galinha Caipira	Milho

Goiaba	Pepino	Farinha de Tapioca	
Ingá	Cheiro verde		
Abacaxi	Tomate		
Buriti	Cebola		
Laranja	Batata		
Abacate	Maxixe		
Melancia	Boga - boga		
Mamão	Chicória		
Manga	Cebola de Palha		
Tangerina			
Cupuaçu			
Cubio			
Amapatí			
Cupuí			
Abiu			

A tabela acima mostra-nos algumas das mais diversas frutas, verduras, dentre outros produtos que são comercializados na feira do produtor, algumas das frutas é por época que são vendidas, as frutas e hortaliças são as mais procuradas.

O que é mais recomendável é ir à feira, ao invés de ir ao supermercado pois os alimentos na feira são frescos, mais baratos e vêm de produtores locais, incentivando a produção familiar. Na Feira Coberta do Produtor Raimundo de Freitas da Silva, além dos feirantes venderem frutas, ela se divide em boxes que oferecem café da manhã, lanches e têm alguns marreteiros que vendem galinha caipira. O espaço é protagonizado por clientes e feirantes que interagem uns com os outros, desempenhando seus papéis e criando laços e relações em redes, a convivência entre as pessoas.

Os produtos que são comercializado na feira do produtor Raimundo de Freitas da Silva são oriundos de produtores e marreteiros da zona rural do município que abastece os feirantes e consumidores.

Os feirantes com os marreteiros eles entre si tem seus arranjos de negociação suas relações de poder através de seus vínculos as particularidades que existem entre eles na hora de vender a amizade suas relações a intimidade e a confiança que se estabelece com aqueles que eles são acostumados a fazer suas negociação.

Segunda a autora Shirley destarte, é reconhecida uma rede de sociabilidades e territórios tecidos por feirantes e fregueses que trocam produtos, saberes, fazeres, estratégias de comprar e vender por melhor preço, risos, jocosidades, enfim realizam a feira e constroem ao mesmo tempo sua história. No valor atribuído ao alimento comprado na feira livre está embutida uma série de outros aspectos, desde a relação com o feirante até as formas de manipular a matéria do alimento. Nesse sentido, a feira apresenta-se ela mesma como um produto a ser consumido. (p.15)

Existe uma vantagem da feira livre pois os feirantes podem estreitar cada vez mais seu relacionamento com a clientela a fim de tentar torna lá fiel, sendo um produto de boa qualidade enfatizando os benefícios de valores.

1.3. ESTRUTURA FÍSICA DA FEIRA LIVRE

A feira livre tem a sua frente voltada para a Avenida Castelo Branco, ao seu lado esquerdo se localiza uma pequena rua (beco sem saída) que também dá acesso a feira, a qual é utilizada pelos produtores, principalmente indígenas, os quais expõe seus produtos em pequenas barracas e até mesmo no chão em cima de lonas de plásticos.

Ao lado direito da feira temos um estacionamento de veículos de pequeno porte, ao fundo da estrutura física da feira temos o Rio Javari, via fluvial dos produtores rurais de comunidades ribeirinhas, indígenas e peruanas que navegam o rio, utilizando canoas como meio de transporte, para vender seus produtos na feira.

As feiras livres tem um papel significativo e historicamente sempre esteve presente no cotidiano do homem, sobretudo como um dos primeiros centros de trocas e venda de produtos. Entretanto, como dissemos acima, ela não exerce influência apenas no que se refere a economia, ou seja, a venda e compra de mercadorias, mas também é um lugar propício no que diz respeito às relações sociais.

A estrutura física da feira Raimundo Freitas, possui cerca de 30 (trinta) metros de frente por 50 (cinquenta) metros de fundo, formando assim, na visão dos feirantes, um espaço amplo para os agricultores/produtores comercializarem.

No interior da estrutura física da feira, cada box possui dimensões de 2,6 m por 3,0 m, totalizando uma área de 7,8 m². Desses boxes, alguns são de venda de comidas prontas, em um espaço dentro da área coberta da feira, e oferecem lanches, cafés e almoços. Esses pequenos restaurantes ou lanchonetes são bastante frequentados por quem visita o local, trabalha na feira ou em suas proximidades, estando quase sempre com clientes, uma vez que o movimento de pessoas ali é intenso, principalmente aos finais de semana pela parte da manhã.

Os outros boxes e barracas dispostas no beco ao lado da feira são exclusivamente para a comercialização de produtos oriundos principalmente da chamada “agricultura familiar”. Agricultores chegam à feira para vender seus produtos logo pela madrugada, para que possam fazer a arrumação das suas barraquinhas de venda, ou até mesmo de um pequeno espaço entre uma barraquinha e outra, no chão, dispendo seus produtos em cima de lonas de plásticos ou em recipientes de plásticos ou de alumínio, como bacias, baldes, panelas, caçapas, etc.

A feira abriga nas suas dependências produtores brasileiros e produtores peruanos, os quais utilizam o espaço para vender seus produtos. Quase que diariamente estes produtores estão nas dependências da feira para oferecer sua produção da época.

De início, pude observar que a feira é um lugar onde os feirantes mantêm suas redes de relações com os fregueses e com seus próprios colegas de trabalho, vizinhos de box, não obstante a aparente concorrência comercial entre eles, cada feirante querendo atrair os fregueses para sua barraca. Os relatos deles revelam que antigamente não existia a feira de hoje, eram só bancas em frente ao mercado municipal.

Tratar o feirante como um trabalhador urbano pode parecer uma afirmação óbvia num primeiro momento, mas permite-me refletir sobre as complexidades que produzem a emergência dessa figura: o feirante, o comerciante e o mercador. Poderíamos nos remeter a Max Weber (1979), que descreve a cidade - ou uma das categorias de cidade - como um local de mercado. Nesse caso, o comerciante constitui-se nesse personagem responsável pelo trânsito de mercadorias entre diferentes localidades.

A pergunta que se coloca, no entanto é: qual é, ou como é o seu trabalho? Trata-se apenas de um mediador de trocas sociais e econômicas? Um "atravessador", que compra a mercadoria de um lado para revender em outro? Voltando para os mercados de rua e observando esses feirantes em suas práticas de trabalho, evidenciam-se pouco a pouco estas múltiplas camadas: é proprietário de seu negócio - que se torna um negócio da família -, mas não exatamente um micro ou pequeno empresário, não opera apenas na administração ou gestão, embora também o faça.

Ainda que proprietário e consciente de sua hierarquia frente a outros colegas de banca que podem ser seus empregados ou familiares, engaja-se nas tarefas mais básicas do processo de trabalho, como montar e desmontar a banca, varrer o chão, etc. de forma que, apenas observando as atividades e os gestos de trabalho de maneira superficial, não notamos essa hierarquia. Ao mesmo tempo, sistematiza uma série de conhecimentos sobre economia, agricultura, alimentos, importações, etc. que extrapola muito o contexto circunscrito do mercado (ou, enfim, acabam engajando o próprio mercado de rua em uma dimensão mais ampla e global), colocando esse trabalhador em sintonia com os processos de globalização e transformações sociais, econômicas e urbanas, ainda que, em alguns casos, não se expressem nesses termos.

Um dos feirantes, o Srº João, fala que na década de 1960 a cidade era pequena. Nessa época, frutas e verduras, cultivadas em canteiros e pomares tradicionais, quando excedia a produção, eram dispostas em uma vara comprida e vendidas nas ruas por ambulantes. João conta também que o povo se alimentava da caça e pesca, quando algum morador matava um animal e queria vender, saía de casa em casa oferecendo a carne do “bicho do mato”. Com a construção da ponte em frente ao rio Javari, de casas comerciais e residências na rua Getúlio

Vargas, “carne do mato” e peixes de diversas espécies eram vendidos em estabelecimentos comerciais, tais como a Casa Tem, o Armazém Castelo Izédio Lima, a Loja Bilhar etc.

No início da década de 1970 a venda de carne bovina, passou a ser efetuada na antiga casa do motor de força e iluminação de Benjamin Constant, localizada no local onde hoje é a rua 21 de Abril. Ainda na década de 70 a Prefeitura Municipal de Benjamin Constant, construiu o primeiro mercado municipal, localizado na atual Avenida Castelo Branco, no qual eram vendidas frutas, verduras, grãos, enlatados, carnes e peixes. No local atualmente funciona a

praça do comércio, com vendas de diversos produtos. Esta praça tem como ponto de referência atual, sua localização em frente a um dos maiores supermercados da cidade, a Casa Ponto Central (Gina).

Com a saída do mercado desse local, o mesmo foi para a rua da Bandeira, no lugar onde funcionava a associação dos produtores rurais de Benjamin Constant, até que, posteriormente foi construído o atual Mercado Municipal Getúlio de Alencar, o qual, até nos dias de hoje, é conhecido como a Feira do Peixe.

Na feira coberta do produtor, os feirantes possuem relativa autonomia entre si. Autonomia, não significa isolamento, muito pelo contrário, os mesmos estabelecem suas relações humanas, onde criam estratégias de fortalecimento de vínculos sociais pessoais. À partir das narrativas de alguns interlocutores da pesquisa, bem como de observação participante realizada na feira, pude perceber que os feirantes criam laços sociais e promovem a sociabilidade: saberes e fazeres são sistematizados nessas relações, tais como as formas de tratar os fregueses, os conhecimentos sobre as verduras e frutas suas origens, circulação e distribuição. Essas redes de relações sociais são construídas cotidianamente a partir de uma experiência compartilhada.

Alguns feirantes relataram o processo de negociação para ocupar um espaço na feira, o qual foi escolhido pelo prefeito municipal, sendo que os mais antigos feirantes ganhavam seu espaço por meio de sorteio. Hoje em dia, quem for trabalhar na feira, paga uma taxa por box para o presidente da associação. Esse dinheiro é arrecadado para pagar a despesas do local, para pagar o vigia e o zelador. Todos os feirantes devem ter um cadastro na Secretaria de Produção SEPROR (concessão de liberação), principalmente os dos boxes de alvenaria.

Quanto a identidade nacional, étnica e origem, a maioria dos feirantes são da região mesma, do município de Benjamin, alguns da zona urbana e outros das comunidades rurais, são majoritariamente brasileiros (incluindo aqui os indígenas) e alguns peruanos, que atualmente residem nessas comunidades.

A apropriação e transformação do espaço da feira ocorreu gradualmente ao longo da história. Como vimos, duas décadas atrás não existia a feira do produtor no local atual, já que a mesma era anexa a feira do peixe. Na feira do produtor, os feirantes constroem e mantêm suas

redes de relações sociais com objetivos específicos, fazendo suas negociações com disposição a cada dia de trabalho. Cada espaço tem seu responsável por manter a organização e a ordem.

Como o fiscal Franciomar, 38 anos, diz “a feira é parte de cada feirante”, onde cada um deles organiza seus espaços como, por exemplo, a limpeza e o que vende dentro da feira e que não sai na feira rotativa. Quanto a questão da organização, a feira é um lugar público, onde todos devem sempre manter o respeito. Ao todo são 28 boxes na feira.

Na feira livre os ribeirinhos, agricultores, peruanos e atravessadores só trabalham três dias por semana. Como na feira livre a venda é maior, foi feita uma negociação, como não há vagas para todos ficarem nas bancas de madeiras, eles colocam seus produtos em lonas e bacias e vendem nas calçadas das ruas próximas a feira.

O Srº Álvaro, 62 anos, é o mais antigo feirante do local. Antigamente ele morava na comunidade Ilha de Bom Intento, hoje conhecida como Boa Vista. Ele era agricultor e comerciante, com esposa e 10 filhos para sustentar, resolveu vir morar na cidade de Benjamin Constant para, segundo o mesmo, dar um futuro melhor para seus filhos. Álvaro foi um dos primeiros a ser sorteado com um dos boxes para comercializar seus produtos, já trabalha há 43 anos como feirante, desde à época em que eles vendiam em frente ao mercado municipal, nas barracas de madeira. Para poder garantir seu lugar na feira, ele paga uma taxa de 15 reais por semana e tem cadastro na Secretaria de Produção. No local de trabalho ele é mais conhecido como Calango, apelido adquirido dos colegas de trabalho. Seu Álvaro diz que só fica mais difícil para ele quando o rio enche, porque alagam todas as ilhas onde existem as plantações, aí os atravessadores aumentam os preços das verduras e frutas, pois elas ficam mais escassas e como ele hoje não é mais produtor, só compra dos atravessadores.

Minha outra interlocutora Sacsi, 36 anos, relata que em 2016 começou a trabalhar na feira. Ela diz que, de início, o fiscal não queria que ela trabalhasse na feira por conta de a mesma não possuir nacionalidade brasileira e sim peruana. Depois Sacsi começou a trabalhar dentro da feira, na banca de madeira, pagando 10 reais por semana. Em seguida, como não havia mais banca, mudou-se para um box. Como ela sempre diz, tem que obedecer ao fiscal e pagar direitinho. Ela é Peruana da Cidade de Islândia, veio de lá com sua família: esposo e 3 filhos, por falta de trabalho e como eles compraram um terreno na estrada Umarizal, são produtores e feirantes há 4 anos. Vieram de seu país de origem, começaram a trabalhar na feira para poder dar o sustento para sua família. Com relação aos outros colegas de trabalho, os outros feirantes,

fazem negociação, às vezes emprestam dinheiro um para o outro quando os atravessadores chegam para vender no porto da cidade.

Dona Trindade, 51 anos é produtora e feirante, originária da comunidade Porto Espiritual, pertencente ao município de Benjamin Constant, a mesma gasta 1:30 h no percurso entre a comunidade e à feira. Trindade trabalha como feirante há 5 anos na feira rotativa para dar o sustento a sua família de 9 filhos, por ser produtora fica mais acessível para vender seus produtos. Por outro lado, para ela é mais dificultoso, ela relata que por conta de não morar na cidade, tem que acordar de madrugada para chegar cedo à feira e pegar barraca disponível.

Nas observações realizadas no campo, vi os clientes, na maioria das vezes, comprarem os seus alimentos logo na entrada da feira, ou seja, compram suas frutas, verduras, legumes etc.

na pequena rua na qual os produtores rurais expõem seus produtos por serem mais baratos.

Poucas são as pessoas que adentram a feira para realizar as compras de seus alimentos dentro da feira coberta, elas adentram apenas a este recinto geralmente para comprar algo que não tinha no espaço da rua. Este fato ocorre porque na rua, onde tem pequenas barracas, os produtos são frescos, ou foram colhidos na tarde do dia anterior, assim, os clientes preferem produtos frescos em vez de produtos que estão a mais tempo em exposição dentro da feira coberta.

Como observamos, a jornada de trabalho na feira é longa, em torno de 10 horas por dia. Os feirantes dizem que, além de montar as barracas e desmontar ao final do dia de trabalho, eles têm que manter a barraca atrativa para seus clientes e saber suas preferências, calcular as perdas e os ganhos do dia e estabelecer sempre as redes e os laços de feirantes.

No trabalho dos feirantes, no dia a dia na feira, se evocam as formas de tratar os fregueses, os conhecimentos sobre os alimentos: suas origens, circulação e distribuição; as redes de fornecedores que tecem, a ênfase depositada na construção do laço social com os fregueses. Todos esses elementos evocam os saberes e fazeres que os feirantes sistematizam nessas relações sociais.

A sociabilidade é uma noção fundamental neste trabalho, sobre o feirante como um trabalhador urbano. No decorrer de suas atividades é preciso dominar esse jogo, colocar a palavra em circulação na feira e construir laços de reciprocidade com os fregueses, produzindo

o sucesso no negócio. De um lado temos a sociabilidade como instrumento de trabalho, que precisa ser desenvolvida e também ensinada aos sucessores e do outro temos espaços da rua, da calçada, da feira como locais de trabalho. Todos esses aspectos do trabalho do feirante fazem parte de um longo processo de aprendizagem, construído na feira, o qual os feirantes falam sempre que se aprende ali na banca, fazendo e observando.

As relações sociais existentes na feira, revelam que a feira é o lugar do vivido, das trocas de amizades, das experiências compartilhadas. Isto manifestou-se na experiência que tivemos naquele espaço, especificamente por meio das conversas com os feirantes e com os fregueses. Os resultados obtidos revelaram os saberes e fazeres de feirantes e fregueses por meio das interações entre ambos, como também a relevância da feira como espaço físico onde se dão estas interações.

Carolina Rezende pode se constatar que os trabalhadores e trabalhadoras urbanos no universo das feiras livres constroem e reconstróem, cotidianamente, saberes ao longo de suas trajetórias de trabalho e histórias de vida, que devem ser valorizadas e legitimadas no universo deste campo de estudos. O trabalho desempenhado nas feiras livres, para além da simples compra comercialização e venda de mercadorias, em como enquanto espaços educativos e pedagógicos, de formação humana e de educação popular, cujos trabalhadores e trabalhadoras (p.129)

A feira livre é também o lugar da informalidade, da descontração, da familiaridade, ou seja, como dissemos, o lugar do vivido, pois por meio de uma experiência profunda e imediata do mundo ocupado, o lugar adquire um papel central através do qual articula as experiências e vivências no espaço de trabalho, transforma-se em lugar à medida que o dotamos de sentido, de valor simbólico.

Alguns feirantes, no pique da pandemia, nos meses de maio e junho, pararam de trabalhar. Eles relatam também que, por conta da venda estar fraca, difícil de vender, muitos produtos estragam.

Neste Trabalho de conclusão do curso de Antropologia descrevemos as formas de vendas de alimentos no meio urbano, tomando como *lócus* da pesquisa a feira livre de Benjamin Constant.

Cabe também estabelecer as diferenças entre comerciantes/feirantes e produtores/agricultores e traçar as relações entre feirantes e clientes. As relações estabelecidas entre os fregueses e feirantes na feira livre podem ser caracterizadas como um convívio singular e diferenciado, visto que, as trocas se dão a partir de indivíduos que compartilham afinidades entre si e com o lugar, este, porém, está carregado de simbolismo, ideias, sentimentos e experiências que reproduzem e perpetuam as relações, estas formam as redes de sociabilidade e os vínculos que as constituem e estruturam as mesmas.

Por isso, a feira livre também é caracterizada como uma trama de relações, contemplando assim, os vários elos – familiares, de amizade e culturais, convergindo no lugar. Na feira acontece a reciprocidade, que advém das múltiplas interações estabelecidas no ato da compra de determinado produto, criando assim um modo peculiar de comercializar, satisfazendo não apenas consumidor e vendedor, mas estreitando as relações entre feirante e freguês.

No local de trabalho, cada feirante tem seu ponto fixo e semanalmente ocupam seu espaço respeitando o lugar de cada um. Em um primeiro momento parece que a feira está desorganizada, mas logo percebe-se que há uma lógica implícita por trás do aparente caos, forma de organização esta de suma importância para a comercialização e manutenção das relações sociais amistosas entre os atores sociais que trabalham e circulam pelo espaço físico da feira.

Os feirantes na ausência do outro feirante, geralmente vizinho de banca, cuidam da barraca do outro, até vendem os produtos e repassam o dinheiro para o dono da banca. Muitas vezes quando os fregueses compram e pagam com uma nota de alto valor monetário, um feirante empresta dinheiro do outro para repassar o troco ao freguês.

Há na feira, muitas vezes, o encontro entre o urbano e o rural, por meio de contatos diretos entre pessoas de dois diferentes meios, assim como de diferentes classes sociais, origem étnica e nacional, tecendo relações interculturais, em alguns casos na feira as pessoas constroem e reforçam relações de amizade, parentesco e casamento.

Da Matta traz os aspectos de hierarquia da sociedade de forma sistematizada, onde existe uma ordem formal baseada em posições de atuar. No caso estudado, feirante e freguês transpõe para o mundo da rua os ideais das relações espontâneas, afetivas.

Uma característica peculiar das feiras livres é a utilização de um espaço, que é alterado com a sua realização e que, após, volta ao arranjo original, havendo, portanto, a necessidade de produzir, semanalmente, um espaço onde as trocas possam ser realizadas. Entretanto é preciso diferenciar a feira externa, a céu aberto, que ocorre mais aos finais de semana na rua, da feira diária estabelecida no interior, na parte coberta da feira.

Por meio da observação sistemática da dinâmica dessas feiras identifica-se uma forte carga de subjetividade que atua como elemento de coesão e que, contribui, fortemente, para a formação de uma identidade “comum”, mesmo que provisória, entre aqueles que as frequentam: feirantes e fregueses, a qual obscurece mas não apaga as diferenças étnicas e culturais, entre outras identidades possíveis.

Os Feirantes e fregueses atuam nesse processo a partir de arranjos sociais, culturais, econômicos e políticos locais, interagindo de forma articulada e interdependente pois, estão atentos às dinâmicas locais, nacionais e globais. A partir de uma concepção de desenvolvimento local como um processo de mobilização de energias sociais em pequenos espaços, ocorrem mudanças capazes de elevar as oportunidades sociais, a viabilidade econômica e as condições de subsistência da população.

As relações entre os componentes da feira, ou seja, dessa rede, envolvem múltiplos laços de realimentação por meio da interação entre as pessoas, do fortalecimento dos laços econômico-sociais de freguesia, de conhecimento, de trabalho e de recreação, moldando práticas e valores individuais, grupais e coletivos; conectando indivíduos e regiões; disponibilizando distintos saberes a serviço da coletividade; promovendo acordos de cooperação e ampliando estratégias de ação.

A feira é, portanto, um lugar que remete a festa, a brincadeira, a um ambiente em quem certas regras de conduta são quebradas e outras reforçadas, e no qual trajetórias sociais diferentes se entrecruzam. Mas é também um lugar de intenso trabalho, um meio de sobrevivência para milhares de pessoas que atuam no “circuito inferior” da economia. Mestres em logística, os feirantes repetem, a cada dia, o ritual da montagem e desmontagem das “feiras”, recorrendo à técnica da abordagem personalizada dos fregueses e das vendas dos produtos.

Um dos elementos que compõem essa técnica de abordagem personalizada é a atenta observação. Enquanto os antropólogos observavam seu objeto de estudo, tentando compreendê-

lo, os feirantes observam minuciosamente seus fregueses, procurando criar aproximação e intimidade. Observavam também seus colegas, preocupados com a concorrência e com a hora de abaixar os preços.

Por fim, analisam a própria pesquisadora, que caminha pela feira, ora conversando com um, ora anotando. De forma surpreendente - e quebrando qualquer possibilidade de anonimato do pesquisador -, um dos feirantes provoca: “você está aqui”. A importância do trabalho de campo, está no fato de que ele auxilia no fornecimento de informações sobre as histórias de vidas dos feirantes bem como etnógrafa as dificuldades enfrentadas pelos feirantes.

Dentro da perspectiva a feira livre aborda dentro produção o espaço urbano e na medição da relação entre campo e cidade.

Oliveira considera se em seu artigo, a feira livre como elemento capaz de articular campo e cidade em uma mesma lógica de produção espacial, contribuindo para a circulação da economia em ambos espaços e sendo uma manifestação simultânea de ruralidades e urbanidades. (p.2)

Dentro do espaço há uma relação de reciprocidade enquanto o campo produz a cidade distribui seus produtos para serem consumidos, eles também estabelecem saberes através de conversar compartilhada.

Segundo Oliveira o campo e a cidade, o urbano e o rural, mesmo sendo considerados espaços antagônicos, tem uma relação estreita por muito tempo desvalorizada. O campo produz e abastece a cidade no que se refere aos bens alimentícios e a cidade consome a produção e oferece máquinas e ferramentas para o trabalho no campo. Não se pode pensar o espaço sem as suas formas de apropriação e que este é produzido atendendo ao contexto do modo de produção, isso inclui a consolidação das ideologias predominante, os valores e as instituições sócias que legitimam o uso e ocupação do espaço. (p. 7)

1.4 LUGAR DE TROCAR NA FEIRA LIVRE, DÁDIVA E RECIPROCIDADE

Entre os feirantes da feira livre de Benjamin Constant, a grande maioria tem uma renda mensal próxima - 55% dos feirantes possuem uma renda mensal de até um salário mínimo. São

várias as procedências dos feirantes: agricultores familiares que vêm aos finais de semana para a cidade comercializar seus produtos; artesãos que vêm na feira uma possibilidade de divulgação dos seus produtos; comerciantes que encontram na feira sua única opção de trabalho e os comerciantes que já possuem outro ponto comercial na cidade e vendem seus produtos na feira como uma forma de complementar a sua renda. Há ainda aqueles que buscam e desenvolvem essa atividade a sua sobrevivência e dos seus familiares, sendo essa a sua única opção de trabalho e renda.

Os feirantes veem a feira como um espaço social, onde eles se relacionam por meio das trocas, encontros e conversas, segundo eles as trocas materiais são relacionadas a diferentes formas de trocas simbólicas, ao convívio cotidiano e aos sentimentos de confiança. Desse modo, são construídas as relações sociais em um mercado de troca, comércio e reciprocidade.

Alguns clássicos do pensamento Antropológico, como Marcel Mauss (1974), Marshall Sahlins (2003) e Lévi-Straus destacaram a importância das múltiplas racionalidades nas relações de troca, principalmente, através da presença de hábitos, rotinas, sentimentos de dádiva e reciprocidade. Segundo eles não ocorre, portanto, o “determinismo econômico” defendido por muitos economistas. E ainda, conforme apontou Abramovay (2004), a racionalidade econômica não é necessária para explicar o mercado, sendo esse só explicado socialmente.

Nesse conjunto de discussões que relatam a existência de outros sentimentos nas relações de troca, é de fundamental importância a obra de Marcel Mauss: “O ensaio sobre a dádiva” (1974). Mauss coloca que não ocorre uma simples troca de bens, de riquezas ou de produtos entre indivíduos e sim entre coletividades, o que significa um contrato mais geral entre tribos, clãs e famílias.

Para o autor, na dádiva, os bens trocados são de menor importância, pois o que importa na verdade, é o ato de reciprocidade e o reforço de um laço continuado. Além disso, o ato de dar, não é um ato desinteressado, pois não existe dádiva sem a expectativa de retribuição.

No presente recebido e trocado cria-se uma obrigação, pois a “coisa” recebida não é inerte, ela possui uma alma, ocorrendo, dessa maneira, um “vínculo de almas”. Assim, o ato da dádiva, que implica uma contra dádiva é o que determina as relações de reciprocidade.

Lévi-Strauss (1974) em seu artigo “Introdução a obra de Marcel Mauss” destaca que as relações de dádiva e reciprocidade que foram estudadas por Malinowski (1976), em sua

etnografia sobre os argonautas do pacífico ocidental, não se encontram presentes apenas nas sociedades primitivas, mas também em nossa própria sociedade. Segundo ele, a nossa sociedade ainda contém a atmosfera de dádiva, de obrigação e de liberdade misturadas, sendo observadas em diferentes relações, principalmente de grupos.

Nesse sentido, Sahlins (2003) em seu livro “Cultura e razão prática” concorda com LéviStrauss (1974), ao colocar que mesmo as relações econômicas estão baseadas nas relações culturais. O que fica, pois, evidente nas perspectivas teóricas trazidas por esses autores é de que nem tudo deve ser classificado exclusivamente em termos da objetividade da compra e venda, uma vez que as relações são permeadas pela subjetividade e, portanto, são também simbólicas.

O que fica, pois, evidente nas perspectivas teóricas trazidas por esses autores é de que nem tudo deve ser classificado exclusivamente em termos da objetividade da compra e venda, uma vez que as relações são permeadas pela subjetividade e, portanto, são também simbólicas.

Essas perspectivas teóricas me apoiaram nas análises que fiz sobre os espaços comerciais da feira livre Raimundo Ferreira da Silva.

Se as coisas são dadas e retribuídas, é porque se dão e se retribuem “respeitos” – podemos dizer igualmente, “cortesias”. Mas é também porque as pessoas se dão ao dar, e, se as pessoas se dão, é porque se “devem” – elas e seus bens – aos outros (Mauss, 2003, p. 263).

Em seu artigo, Carolina Resende, afirma que as Feiras Livres desenvolvidas na região revelam-se pontos de convergência de produtos e comercialização da produção local, revelando-se assim circuitos de troca e consumo que promovem a geração de trabalho e renda, segurança alimentar destas famílias ligadas à agricultura familiar, bem como são fundamentais na manutenção de identidades e modos de vida ligados a uma cultura alimentar regional (p. 04).

Existe uma variedade de produtos, que são comercializados na Feira Livre, gerando lucros para o município de Benjamin Constant e alimentação orgânica de qualidade para sua população.

Conforme o artigo de Shirley Nogueira os atos de compra e venda de alimentos na feira livre, ou seja, sua manipulação escolha pelo toque e pelo cheiro, apalpação e até degustação evocam o fim último da nutrição das pessoas dos lares aos quais se destinam (p. 44).

Durante a pesquisa pude observar que o freguês, muitas vezes, para ele comprar uma fruta ou verdura, ele tem que tocá-la, apalpá-la primeiro, para ver se a mesma é de boa qualidade. Os fregueses, geralmente escolhem aqueles produtos mais durinhos e um pouco verdes, quando é para ser consumido alguns dias depois. São gestos e saberes que são introduzidos e passados dentro da feira.

Construindo esse caminho objetivo de eu retornar ao campo de pesquisa para analisar os feirantes e clientes se adaptaram a nova rotina e regras em feiras livres durante a pandemia, para evitar o contágio, apesar de vendas em queda comerciantes lembram da importância do abastecimento da população.

CAPÍTULO II

MODOS DE VER E DE FAZER: SAÚDE, DOENÇA E CUIDADO DOS FEIRANTES

Nesse capítulo procuro compreender as concepções de saúde, doença, cuidado e as práticas pessoais na feira de Benjamin Constant, na pandemia do coronavírus.

Realizei uma pesquisa exploratória na abordagem qualitativa, com 4 trabalhadores feirantes, mediante entrevista semiestruturada. A família destaca-se nas práticas de cuidado, pelo recurso à solidariedade dos clientes em usar máscara ao comprar seus alimentos, para potencializar forças, visando à superação de problemas de saúde relacionados com o covid19.

Entre as opções terapêuticas, os feirantes utilizam o setor informal, sobretudo o cuidado domiciliar e organizar os alimentos e suas mãos com álcool em gel e no uso de máscara. A família constitui-se como rede de apoio social que assume um dever moral e solidário na oferta de cuidados de saúde a seus membros, sem prescindir das redes de atenção à saúde.

O ministério da saúde recomenda aos feirantes que procurem organizar o fluxo de pessoas, evitando aglomerações. E lembra que não há, segundo as principais autoridades de saúde, até o momento, evidências de que o novo covid19 possa ser transmitido por meio de alimentos, embora pesquisas apontem que o vírus pode persistir por horas ou até dias em algumas superfícies, dependendo da temperatura e da umidade do ambiente.

Os feirantes tem o cuidado redobrando com a higiene, no entanto na feira tem resto de comida, que algum feirante vende no almoço e deixa o resto jogado no lixeiro, fica mal cheiro conforme relatam feirantes e fregueses. Há uma grande variabilidade na representação sobre lixo na feira, o lixo por muitas vezes é representado como algo fora do comum, pela desordem do ambiente, tratando-se dos feirantes essa característica não se distancia muito da representação geral.

Em contrapartida, há características da feira que atingem uma perspectiva mais biológica no que diz respeito a carência de higiene, e é nessa abordagem que se faz menção a Mary Douglas quando ela afirma que as regras de higiene evoluem à medida que se incorporam novos conhecimentos técnico-científicos. Desse modo, a concepção sobre sujo e limpo reflete a interferência da norma científica para alguns feirantes.

2.1 O DISTANCIAMENTO SOCIAL NA FEIRA

Em se tratando do afastamento social na feira, o local que é bastante frequentado pela sociedade, onde circulam bastante pessoas, desde vendedores aos fregueses, quanto menor contato social essas pessoas tiverem, todas tomando suas precauções, usando máscaras e álcool em gel, menor é a probabilidade delas contraírem o corona vírus. Entretanto, pude observar diversas aglomerações de pessoas, sem máscaras na feira. A indiferença da população quanto ao distanciamento social continua em meio ao aumento de mortes pela covid19 no município. A Feira não é o único setor de estabelecimento que tem essas aglomerações, mas também as festas, banhos e comércios em geral.

- “Fico assustada com a intensa movimentação ao chegar na feira, vim comprar verduras, peixes etc. Estou apreensiva com essa situação, o povo não está com medo” (Bárbara, 30 anos).

O isolamento social é necessário porque sabemos que ninguém é imune ao coronavírus, existe os grupos que são mais vulneráveis podendo levar a consequência fatais. Com isso os feirantes vão se redefinir metas e aprender novas formas de convivência principalmente no local de trabalho.

Além de mudanças no dia a dia da feira, as vendas e mercadorias sofreram redução, a pandemia foi só mais um obstáculo como foi uma propagação que se espalhou muito rápido gerando mudanças na feira.

As feiras são meios de se integrar a população e ampliar vivências que ocorrem nas cidades e, são excelentes formas de produção de serviços e de renda para as pessoas. Por essa razão, as atividades vêm ganhando espaço cada dia mais e são excelentes alavancas econômicas para seus setores. A proximidade entre as pessoas, que as feiras permitem, contribuem de diversas formas a sociedade, em seus aspectos culturais, sociais e econômicos.

Figura 3 - Os feirantes na venda de verduras



Fonte: Melo, Adrielle (2020)

Essa imagem é a feira improvisada na Rua 12 de Outubro onde as verduras e frutas são vendidas nas calçadas.

A feira-livre é também o lugar da informalidade, descontração, da familiaridade, ou seja, o lugar do vivido, pois através de uma experiência profunda e imediata do mundo ocupado, o lugar adquire um papel central através do qual se articulam as experiências e vivências no espaço. Este "transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor" (TUAN, 1983, p. 6).

Figura 4 - Os feirantes sem máscaras



Fonte: Melo Adrielle (2020)

Portanto como mostra a figura 3 e 4, alguns pequenos produtores locais não estão usando máscaras, enquanto os clientes, geralmente estão usando máscaras. Os feirantes se arriscam em pegar o dinheiro do freguês, não estão respeitando o distanciamento, e tem aglomeração de pessoas a cada dia que passa. Ao não usar máscara, um feirante pode contaminar frutar e verduras que estão próximas dele e, em seguida, outra pessoa que pegue o mesmo alimento corre o risco de se contaminar.

De acordo com um freguês, a feira chegou a receber um grande número de clientes por dia, mas não havia indícios de aglomeração antes da chegada do corona vírus. Com a pandemia da covid19 o movimento de pessoas na feira cresceu ainda mais.

A pandemia de coronavírus que assola o mundo muda a rotina, o comportamento e a relação entre os produtores rurais e os consumidores em Benjamin Constant. O uso de máscaras, protetor facial e o distanciamento entre vendedor e cliente passaram a fazer parte do dia a dia da feira livre da cidade. São 2 pontos que recebem os agricultores em dias diferentes na semana.

- “Me dei conta de como agia errado, porque para abrir a sacola plástica, às vezes, colocava o dedo na boca e isso nunca mais irá se repetir, porque é um cuidado para a vida toda, não apenas com esse vírus, foi um aprendizado. (P. F. R. 35 anos).

Na feira de Benjamin Constant, como podemos observar, os feirantes também já estão orientados a ordenar seus clientes em filas, com espaçamento mínimo de 1,5 metros de uma pessoa a outra, afim de evitar aglomerações. As mesas de barracas de comida só poderão ter duas pessoas sentadas por vez ou no máximo quatro pessoas, se forem de uma mesma família. Também não será permitido juntar as mesas, que estarão dispostas a 2 metros de distância uma da outra. Aos vendedores de barracas de comida, é exigido o uso da máscara, protetor facial, touca e luvas descartáveis.

“Venho comer o pastel gostoso todos os dias e comprar a verdura fresquinha, uso máscara e fico em distanciamento social. Alguns feirantes usam luvas, máscaras e a população deve seguir o mesmo também. Mantenha o distanciamento, use máscara, dê preferência para comer seu pastel e tomar o caldo de cana em casa, mas pode comprar na feira” (Maria, 35 anos).

Nesse sentido o adoecer e a percepção de doença para os feirantes são poucos considerados pelos profissionais de saúde, a construção da doença como realidade humana é, portanto, um processo que requer interpretação e ação no meio sociocultural, o que implica uma negociação de significados na busca pela cura. Na feira os fregueses estabeleceram relações de confiança e fidelidade com os vendedores.

Tenho cuidados no manuseio dos produtos. Respeito o distanciamento, mas seguimos com o nosso atendimento diferenciado, mesmo de longe. Os clientes são fiéis às feiras e nos valorizam porque temos produtos de qualidade e atendemos bem, conversamos, temos atenção com eles. A pandemia não mudou isso, ao contrário. Agora, mesmo com as correntes para nos distanciar, estamos cuidando uns dos outros. Adquiri novos hábitos de limpeza e cuidados com a higiene para seguirmos com as feiras que atendem tão bem a comunidade. (João. L. 42 anos).

Em relação a pandemia alguns feirantes tem muito cuidado com as verduras, em pegar o dinheiro, se proteger enquanto outros não tem medo desse vírus e não se cuidam, mas em espaço como a feira, onde há manipulação de alimentos e contato com um grande número de pessoas, os feirantes devem redobrar os cuidados.

Segunda Carolina Rezende os mercados e feiras livres, sobretudo no universo do Vale do Jequitinhonha, devem ser pensados como importantes lugares antropológicos onde são realizadas trocas materiais e simbólicas entre diferentes atores sociais como feirantes e fregueses, na medida em que se revelam contextos espaciais carregados de signos, representações e relações socio-temporais, construídas e reconstruídas entre o homem e seu meio (SERVILHA & DOULA, 2009, p. 06)

Cada feirante desenvolve suas atividades em condições de trabalho que os tornam vulneráveis a impactos sociais, econômicos, epidemiológicos, psicológicos e físicos.

No tocante ao trabalho dos feirantes, a pandemia do coronavírus alterou a rotina dos feirantes em relação as vendas e cuidados. Dona Ilda relata que de vez em quando ela vende algum produto, que a situação das vendas não está boa. Ela vende dentro da feira e há uma disputa para ver quem vende, pois fora do mercado tem os produtores rurais, e muitas vezes, os que vendem fora, na beira da rua, vendem seus produtos mais baratos, tem muita concorrência.

O fiscal relata que alguns feirantes obedecem às regras, se previnem, usam máscara e respeitam o distanciamento social, enquanto outros não cuidam nem de si, nem daqueles que os cercam. A meu ver, estes parecem seguir o mal exemplo vindo de cima, do representante máximo da nação brasileira, do presidente da república, que faz pouco caso em relação ao conhecimento científico a respeito da transmissão do coronavírus. O presidente e seus seguidores parecem ignorar as consequências do coronavírus para a vida humana, sobretudo das pessoas mais vulneráveis, como as de Benjamin Constant, que contam com poucos recursos e dificuldades de acesso à sistemas de saúde de qualidade.

2.2. AS RELAÇÕES HUMANAS COM OS CACHORROS NA FEIRA LIVRE

Durante minha pesquisa pude observar bastante cachorros no local de trabalho dos feirantes, principalmente no espaço do lado de fora da feira nas calçadas e ruas. Uma das principais queixas dos feirantes, na feira, é a presença de cães entre as pessoas e seus produtos, pois eles fazem cocô, soltam pêlos, urinam, vomitam perto das frutas e legumes e isso pode contaminar os alimentos. A presença desses animais está relacionada a resto de comida descartada de forma incorreta.

Segundo soares (2010), a relação entre cães e humanos ocorre há pelo menos 15 mil anos, onde os animais recebem abrigo ou pelo menos alimentos, enquanto os humanos encontram equilíbrio emocional propiciado pelos cães (Soares, 2010, p. 07).

Segunda Mirella, os feirantes expressaram a preocupação em não vender alimentos no chão, pois, além da idéia de desordem, o chão representa sujidades acumuladas na feira, como lixo, poeira, excrementos humanos e de animais que representam os contaminantes físicos, visíveis, possíveis transmissores de doenças e impureza (p. 117).

Na feira do produtor no município de Benjamin tem sua diversidades as relações entre vendedor e cliente e os animais que se encontram no local. Dentro da feira fora os cachorros tem outros animais como galinhas que são vendidas.

Doula ressalta o espaço da feira constituir-se-ia como um lugar simbólico recoberto de sentimentos, palco de diferentes representações sociais, o que propicia a manutenção e fortalecimento dos vínculos familiares e de amizade, por sua vez, essenciais à reprodução social das famílias dos feirantes. Nesse contexto, esse artigo tem como objetivo, compreender a lógica que está presente nas trocas que acontecem entre os feirantes e frequentadores do espaço da feira e o papel da família na manutenção e reprodução dessa atividade. (p. 5)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feira, por mais diversificada que possa ser o seu significado, é local de abastecimento, mas também de reunião, de encontro, e a sua periodicidade pode ser semanal, mensal ou anual, dependendo do tipo de feira.

Na construção deste TCC observamos as transformações sociais, produzidas nas práticas cotidianas no interior do mercado, as negociações entre feirantes e fornecedores/atravesadores, entre os feirantes entre si e desde com seus fregueses.

Todos esses aspectos do trabalho do feirante fazem parte de um longo processo de aprendizagem, construído no mercado, e na maioria das vezes transmitido de pai para filho ou de empregador a empregado. Quando os produtos são comercializados não se está trocando somente dinheiro por mercadorias, mas se estão produzindo laços sociais, que são tecidos na feira.

Embora apresente um vetor econômico, a feira preenche também uma função social. O aspecto econômico potencializa-se nas redes de sociabilidades, pois, da economia à cultura, a feira possui diferentes perspectivas e finalidades, de acordo com a intenção daqueles que por ali circulam.

Além dos pressupostos econômicos, as feiras livres desempenham o papel de ponto de encontro e de reafirmação de culturas, onde o vivido e o experienciado em grupo, seja na produção, seja no consumo, traduzem modos de vida. Esse modo de viver envolve, sobretudo, manifestações econômicas, sociais e culturais que se materializam no espaço.

Sob esse prisma, as feiras livres movimentam a cidade em termos espacial, econômico e cultural. Ou seja, embora apresente uma essência econômica, a feira preenche também uma função social, enquanto veículo de comunicação e expressão da cultura do povo, por se configurar como lugar de encontro, reencontro e de lazer para os que ali vivem e para os que por ali passam.

No âmbito do campo social, vejo minha proposta de pesquisa como uma forma de mostrar aos leitores as relações sociais e as dificuldades enfrentadas pelos feirantes nas vendas dos seus produtos. É relevante para os feirantes que se tornem conhecidas as suas histórias de vidas e suas dificuldades nas vendas, pois muitas vezes, eles não são valorizados e muito menos

se têm conhecimento sobre o que os feirantes arrecadam na venda de cada produto, sobre os valores que eles pagam para os atravessadores e produtores e sobre o lucro final do feirante.

No campo acadêmico, este trabalho, é de grande relevância para a antropologia econômica ao abordar as diferentes esferas da vida social, envolvidas nos processos econômicos de compra e venda na feira. A partir das conversas com os interlocutores, no trabalho de campo, observamos a performance dos feirantes para vender seus produtos. Mapeamos as redes de relações entre feirantes, consumidores e produtores.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Shirley Patrícia de Castro, **Fazendo a feira** : estudo das artes de dizer, nutrir e fazer etnomatemático de feirantes e fregueses da feira Livre do Bairro Major Prates em Montes Claros – MG . 2009. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação).

BRITO, Gisele Ferreira de; CHOI, Vania Picanço; ALMEIDA, Andreia de. **Manual Abnt: regras gerais de estilo e formatação de trabalhos acadêmicos**. 4º edição Revisada e Ampliada. FECAP Biblioteca Paulo Ernesto Tolle. São Paulo, 2014.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandro e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Lisboa: Edições 70, b 1991.

GOULART. 1968. **O Regatão**. Rio de Janeiro: Conquista

LÉVI STRAUSS, C. Introdução a obra de Marcel Mauss. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, v.2, p.01-37, 1974.

LÉVI STRAUSS, C. “A família”. In: SPIRO, Melford et al. **A família: origem e evolução**. Porto Alegre: Editorial Villa Martha, 1980.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EDUSP, v. 2, p.37-174, 1974. MAUSS, M. **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: Editora Perspectiva. Trad: Luiz João Gaio e João Guinsburg, 1981. 496p.

OLIVEIRA, Ramile de Jesus. **A feira livre na Relação Campo-Cidade e a produção do espaço: Uma análise sobre o processo de ocupação no município de feira de Santana –Bahia**. 2017.

SAHLINS, M. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 231p.

DOULA, Sheila Maria , **Vinculos de sociabilidade e relações de trocas entre feirantes de Vicosa. MG.**

SOUZA, Carolina. **Os Mercados e Feiras livres como lugares Antropológicos.** Revista Observatório da Diversidade cultura.vol.2.2015

SOARES, G. M. **Avaliação de fatores de influência na manifestação da agressividade em cães.** Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária). Universidade Federal Fluminense. 112f. Faculdade de Veterinária. 2010.

REZENDE, Carolina Souza , **As feiras Livres como lugares de produção Cotidiana de Saberes do trabalho e educação.** Popular nas cidades: Revista Trabalho Necessário 2015.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e Lugar:** a perspectiva da experiência. São Paulo, Difel, 1983.

VEDANA, V. **Fazer a feira: estudo etnográfico das “artes de fazer” de Feirantes e fregueses da Feira livre da Epatur no contexto da paisagem urbana De Porto Alegre.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) –Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO NATUREZA E CULTURA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a)

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar desta pesquisa realizada, por: ADRIELE NASCIMENTO DE MELO, estudante do curso de Bacharelado em Antropologia, intitulada **Sociabilidade e relações econômicas na feira livre em Benjamin Constant/AM**, a qual tem por objetivo investigar como são construídas as relações sociais e econômicas no âmbito da feira municipal.

A participação é voluntária. Só os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso as informações resultantes dele. Quando for publicado o resultado da pesquisa, dados como nome, profissão, local de moradia, ou outros dados não serão divulgados, exceto se for de seu interesse a publicação desses dados.

As perguntas (que podem variar de uma conversa informal até a elaboração de um questionário padronizado) que vamos fazer não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, uma vez que versam somente sobre suas experiências e partir do envolvimento com a atividade na feira. Informamos que a qualquer momento você poderá desistir da participação de mesma. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa ao pesquisador. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicitamos a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto a pesquisadora e seu orientador pelo telefone (97) 991510494 ou pelo e-mail widneylima@ufam.br

Eu, Sr. (a) Francimar Soares de Oliveira fui informado sobre a pesquisa: **"SOCIABILIDADE E RELAÇÕES ECONÔMICAS NA FEIRA LIVRE EM BENJAMIN CONSTANT/AM"** a ser realizada pela aluna do Curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto Natureza e Cultura, orientada pelo Professor MSc. Widney Pereira de Lima, concordo em participar da mesma e que os dados coletados durante a investigação científica sejam socializados, analisados por mim e pelo pesquisador e posteriormente usados nesta pesquisa conforme aprovação de ambas as partes.

Benjamin Constant, 04 de maio de 2019.

Francimar Soares de Oliveira
Assinatura do participante

Adrielle Nascimento de Melo
Assinatura do Pesquisador



Impressão dactiloscópica
no caso de não
saber escrever

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO NATUREZA E CULTURA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a)

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar desta pesquisa realizada, por: ADRIELLE NASCIMENTO DE MELO, estudante do curso de Bacharelado em Antropologia, intitulada *Sociabilidade e relações econômicas na feira livre em Benjamin Constant/AM*, a qual tem por objetivo investigar como são construídas as relações sociais e econômicas no âmbito da feira municipal.

A participação é voluntária. Só os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso as informações resultantes dele. Quando for publicado o resultado da pesquisa, dados como nome, profissão, local de moradia, ou outros dados não serão divulgados, exceto se for do seu interesse a publicação desses dados.

As perguntas (que podem variar de uma conversa informal até a elaboração de um questionário padronizado) que vamos fazer não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, uma vez que versam somente sobre suas experiências a partir do envolvimento com a atividade na feira. Informamos que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa ao pesquisador. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicitamos a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto a pesquisadora e seu orientador pelo telefone (97) 991510494 ou pelo e-mail widneylima@gmail.com

Eu, Sr. (a) Saresi Chesburaça Louise fui informado sobre a pesquisa: **"SOCIABILIDADE E RELAÇÕES ECONÔMICAS NA FEIRA LIVRE EM BENJAMIN CONSTANT/AM"** a ser realizada pela aluna do Curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto Natureza e Cultura, orientada pelo Professor MSc. Widney Pereira de Lima, concordando em participar da mesma e que os dados coletados durante a investigação científica sejam socializados, analisados por mim e pelo pesquisador e posteriormente usados nesta pesquisa conforme aprovação de ambas as partes.

Benjamin Constant, 04 de maio de 2019.

Assinatura do participante

Adrielle Nascimento de Melo
Assinatura do Pesquisador



Impressão dactiloscópica
no caso de não
saber escrever

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO



UFAM

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO NATUREZA E CULTURA
BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a)

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar desta pesquisa realizada por AIDRIELE NASCIMENTO DE MELO, estudante do curso de Bacharelado em Antropologia, intitulada **Sociabilidade e relações econômicas na feira livre em Benjamin Constant/AM**, a qual tem por objetivo investigar como são construídas as relações sociais e econômicas no âmbito da feira municipal.

A participação é voluntária. Só os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso as informações resultantes dele. Quando for publicado o resultado da pesquisa, dados como nome, profissão, local de moradia, ou outros dados não serão divulgados, exceto se for de seu interesse a publicação desses dados.

As perguntas (que podem variar de uma conversa informal até a elaboração de um questionário padronizado) que vamos fazer não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, uma vez que versam somente sobre suas experiências a partir do envolvimento com a atividade na feira. Informamos que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa ao pesquisador. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicitamos a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder.

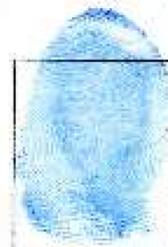
Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto a pesquisadora e seu orientador pelo telefone (97) 991510494 ou pelo e-mail widneylima@gmail.com

Eu, Sr. (a) Alvaro Condeira Bezerra, fui informado sobre a pesquisa "**SOCIABILIDADE E RELAÇÕES ECONÔMICAS NA FEIRA LIVRE EM BENJAMIN CONSTANT/AM**" a ser realizada pela aluna do Curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto Natureza e Cultura, orientada pelo Professor MSc. Widney Pereira de Lima, concordo em participar da mesma e que os dados coletados durante a investigação científica sejam socializados, analisados por mim e pelo pesquisador e posteriormente usados nesta pesquisa conforme aprovação de ambas as partes.

Benjamin Constant, 04 de maio de 2019

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador



Impressão dactiloscópica
no caso de não
saber escrever

APÊNDICE D – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO NATUREZA E CULTURA
BACHARELADO EM ANTRPOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a),

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar desta pesquisa realizada por **ADRIELLE NASCIMENTO DE MELO**, estudante do curso de Bacharelado em Antropologia, intitulada **Sociabilidade e relações econômicas na feira livre em Benjamin Constant/AM**, a qual tem por objetivo investigar como são construídas as relações sociais e econômicas no âmbito da feira municipal.

A participação é voluntária. Só os pesquisadores envolvidos neste projeto terão acesso as informações resultantes dele. Quando for publicado o resultado da pesquisa, dados como nome, profissão, local de moradia, ou outros dados não serão divulgados, exceto se for de seu interesse a publicação desses dados.

As perguntas (que podem variar de uma conversa informal até a elaboração de um questionário padronizado) que vamos fazer não pretendem trazer nenhum desconforto ou risco, uma vez que versam somente sobre suas experiências a partir do envolvimento com a atividade na feira. Informamos que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Pode, também, fazer qualquer pergunta sobre a pesquisa ao pesquisador. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicitamos a assinatura do mesmo em duas vias, ficando uma em seu poder.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca deste estudo poderá ser obtido junto a pesquisadora e seu orientador pelo telefone (97) 991510494 ou pelo e-mail widneyhna@gmail.com

Eu, Sr. (a) Trindade Ramos de Souza, fui informado sobre a pesquisa **"SOCIABILIDADE E RELAÇÕES ECONÔMICAS NA FEIRA LIVRE EM BENJAMIN CONSTANT/AM"** a ser realizada pela aluna do Curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto Natureza e Cultura, orientada pelo Professor MSc. Widney Pereira de Lima, concordo em participar da mesma e que os dados coletados durante a investigação científica serão socializados, analisados por mim e pelo pesquisador e posteriormente usados nesta pesquisa conforme aprovação de ambas as partes.

Benjamin Constant, 04 de maio de 2019

Trindade Ramos de Souza
Assinatura do participante

Adrielle Nascimento de Melo
Assinatura do Pesquisador



Impressão dactiloscópica
no caso de não
saber escrever

APÊNDICE E – ESTRUTURA DA FEIRA

